

A full-page image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with blue and purple lighting and falling confetti.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



CUMBE: AS DIFERENTES MANEIRAS DE ROTULAR A PRODUÇÃO DE MARCELO D'SALETE

Stephany Justine Ganga²³

Este estudo tem como proposta observar as instabilidades na percepção do gênero discursivo de obras em quadrinhos produzidas em formato livro, utilizando, como objeto, o premiado *Cumbe*, do quadrinista e ilustrador brasileiro Marcelo D'Saete. O estudo parte da constatação de que existe uma pluralidade de rótulos utilizados para nomear o objeto de estudo em questão. Constatamos que essa diversidade de rótulos é consequência de uma imprecisão da forma como o gênero é percebido junto ao público leitor. A pesquisa adotou como procedimentos metodológicos a observação dos paratextos da publicação e de matérias sobre a história em quadrinhos veiculadas em mídias digitais. A partir das informações obtidas, que constituem o corpus deste estudo, consegue-se entender como as diferentes percepções de gênero podem classificar e/ou até alterar a identificação e a recepção de uma obra de história em quadrinhos produzida em formato livro. O arcabouço teórico é composto por Maingueneau (2009) e Bakhtin (2000) para abordar a questão dos gêneros e dos rótulos. No tocante aos quadrinhos, para trabalhar os rótulos “novela gráfica”, “romance gráfico” e “graphic novel” utilizados a quadrinhos publicados em formato livro, estes estão ancorados nos trabalhos de García (2012) e Ramos e Figueira (2014). Para trabalhar com os paratextos editoriais, adotamos a perspectiva de Genette (2009). Tomaremos os quadrinhos como um hipergênero, conceito utilizado por Maingueneau (2009) e, que segundo Ramos (2012, p. 20), “agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. No caso dos quadrinhos, todos compartilhariam aspectos comuns, como a tendência a serem narrativos, com uso de códigos próprios (caso do balão, das onomatopeias, dos quadros, entre outros). Mas comporiam uma gama de gêneros autônomos e distintos uns dos outros. A questão seria identificar a qual gênero específico determinada produção dialogaria de forma mais próxima. É nesse processo que muitas encontram uma imprecisão na hora de serem rotuladas, termo cunhado por Maingueneau (2009). Seriam casos concretos da estabilidade relativa proposta por Bakhtin (2000) ao definir os gêneros. *Cumbe*, do quadrinista e ilustrador brasileiro Marcelo D'Saete, foi publicado, inicialmente, via ProAC – Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo – em 2013, também recebeu edições em Portugal (onde foi selecionado para leitura em escolas), Estados Unidos, França, Itália e Áustria, além de ser vencedor do Prêmio Eisner, o principal da área de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, em 2018 (categoria Melhor Edição Americana de Material Estrangeiro) e de ter sido indicado ao Rudolph Dirks Award 2017, na Alemanha, e Marcelo D'Saete ter vencido o HQMIX 2018 (categorias Desenhista Nacional, Destaque Internacional, Roteirista Nacional e *Angola Janga*, outra obra do desenhista, venceu a categoria Edição Especial Nacional). *Cumbe*, através de quatro histórias protagonizadas por escravos, retrata a luta dos negros contra a violência e sua busca pela

²³ Graduanda em Letras Português/Inglês, Universidade Federal de São Paulo, stephanyjustine@gmail.com.



liberdade, durante a escravidão no Brasil colonial. Em uma primeira abordagem, trata-se de uma história em quadrinhos publicada no suporte livro. Em sua ficha catalográfica, a primeira rotulação é “literatura brasileira”, seguida por “novela gráfica”. Contudo, também podemos analisar a obra pelo seu aspecto histórico. Previamente à produção, o autor realizou uma pesquisa sobre a escravidão no Brasil colonial e as formas de existência e resistência negra nesse período. Mais informações sobre o processo de pesquisa encontradas no glossário e em um texto, ao final do livro. Sendo ambos considerados paratextos para Genette (2009). O autor afirma que eles podem ser classificados em dois tipos: peritexto (localizados dentro da obra) e epitexto (localizados fora da obra). Estes se dividem em epitextos públicos (dirigidos ao leitor) e epitextos privados (inicialmente, se dirigem à um confidente). Nesta pesquisa, trabalhamos com peritextos e epitextos públicos. Em relação aos gêneros, Maingueneau (2009, p. 229) afirma que estes dividem-se em “conversacionais” e “instituídos”. Trataremos do segundo, que são divididos em quatro tipos. Nos interessa o tipo 4, por terem uma relação problemática com a noção de “gênero” e por se utilizarem de determinados termos que afetam significativamente a recepção do objeto. O autor complementa afirmando que as denominações contribuem de modo decisivo para determinar a maneira como o título deve ser recebido, de modo que a denominação utilizada não pode, simplesmente, ser substituída por outra. Para a realização da análise das matérias de jornais e portais on-line sobre a obra *Cumbe*, optamos por selecionar e coletar o material em um mesmo dia (01/03/2020). Para o levantamento, foi utilizado apenas o título da obra, seguido do nome do autor (“cumbe marcelo d’salete”), de modo que a pesquisa não fosse influenciada por rótulos como “hq”, “literatura” e/ou “livro”. Olhamos até a página 6 do Google, uma vez que cada página trazia 10 resultados, foram obtidos 60, no total. Após uma avaliação mais detalhada, ficamos com 20 resultados válidos, que formam o corpus desta pesquisa. A análise será dividida em 5 tópicos: local de publicação da matéria; tipo de texto; ano de publicação; rótulo da obra (ou seja, rotulação utilização no título, linha fina e no chapéu) e rótulo da obra no corpo do texto. Optamos por separar as duas últimas categorias, de modo a perceber mais claramente as instabilidades na rotulação da obra, uma vez que, em um mesmo texto, *Cumbe* recebia mais de uma rotulação. Na primeira categoria, pudemos avaliar que a maior quantidade de resultados era de sites de notícias. Em relação aos tipos de textos, acreditamos que as notícias apareceram em maior número (11 resultados) por se tratar predominantemente das indicações e premiações que a obra venceu. As entrevistas aparecem em segundo lugar, em decorrência de uma maior visibilidade de Marcelo D’Salete ter sido indicado às premiações. Analisando os dados obtidos na categoria ano de publicação das matérias, vemos que a maioria dos resultados apontam para matérias publicadas em 2018, ano em que *Cumbe* foi vencedor do Prêmio Eisner e também do HQMIX. Logo, podemos concluir que os números apontam que o interesse pela obra foi motivado pelos prêmios recebidos. Em relação às rotulações nas duas últimas categorias, observamos que os resultados mais expressivos foram sem rotulação, ou seja, apenas o título *Cumbe*. Outro ponto relevante são as rotulações vagas, como “obra”, “trabalho”, “projeto” e “história”. Estes termos sinalizam uma falta de familiaridade sobre o conteúdo, uma vez que, poderiam ser utilizados para se referir a uma diversidade de outros



conteúdos não relacionados ao *Cumbe* em si e nem ao hipergênero história em quadrinhos. Com base nas análises dos peritextos, mais especificamente da ficha catalográfica, e dos epitextos públicos, ou seja, das matérias, pudemos observar que a hipótese inicial se confirmou. Apesar da editora Veneta aproximar *Cumbe* do campo literário, possivelmente para aproximar a obra de requisitos e de status exigidos pelas escolas e pelos programas do governo, como o PNLD, o público recebe e identifica a obra, com mais frequência, como HQ, ou seja, como o hipergênero ao qual ela pertence. Contudo, não podemos ignorar a relevância dos resultados sem rotulação e o uso de termos mais vagos, que demonstram uma confusão e, também, uma falta de conhecimento sobre o conteúdo no momento de rotular a obra.

Palavras-chave: Gênero; Rótulo; Cumbe; História em Quadrinhos; Livro

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-325.

D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

GARCÍA, Santiago. *A novela gráfica*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adair Sobral. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Orgs.). *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014. p. 185-207.